

ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR DE TRABALHO PEDAGÓGICO COM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA PROPOSTA ORIENTADA PELO LETRAMENTO CIENTÍFICO¹

INTERDISCIPLINARY APPROACH IN THE PEDAGOGICAL WORK WITH CARTOONS: A PROPOSAL TO MEDIATE VIA SCIENTIFIC LITERACY

MELO, Livia Chaves de²

Resumo: Situada na perspectiva interdisciplinar da Linguística Aplicada, esta pesquisa foi desenvolvida para propor o uso de histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica mediadora do trabalho com conteúdos disciplinares na perspectiva do letramento científico. Estudos do letramento e da interdisciplinaridade foram utilizados como aportes teóricos. A cultura universal é abordada no gênero focalizado e uma proposta de atividade didática para a Educação Básica é apresentada, considerando a Língua Portuguesa como disciplina catalisadora de conteúdos e saberes diversos.

Palavras-chave: Gênero discursivo. Material didático. Literatura. Pesquisa.

Abstract: Within the interdisciplinary field of Applied Linguistics, this research proposes the use of cartoons as a pedagogical tool for facilitating disciplinary concepts through a scientific literacy perspective. Literacy and interdisciplinary studies are the theoretical apparatuses that guided this research. This research includes universal culture in the general focus and offers a proposal for didactic activities for Basic Education considering the Portuguese language as a catalyst for diverse content and knowledge.

Keywords: Discursive genre. Didactic material. Literature. Research.

INTRODUÇÃO

Durante semanas a gente só falou do filme. Com um desenho e um filme, já estávamos conhecendo mais História Universal do que com todas as coisas escritas no livro adotado pela escola. E que ainda não tinha sido aberto por nós. Nem por ela. Ela falou sobre romanos, sobre deuses egípcios, sobre pirâmides e serpentes (...) da Cleópatra. (...). E tanto se falou de História Antiga, dos tempos de antes de Cristo, de romanos e de gregos, de egípcios e de princesas que, um dia, a Ana perguntou: “Professora, onde é que a gente pode ler mais sobre isto”? (ZIRALDO, 2012, p. 64-66).

As histórias em quadrinhos (HQ) da Turma da Mônica, criadas por um dos mais reconhecidos cartunistas do Brasil, Maurício de Sousa, disseminam entretenimento e

¹ Esse texto foi elaborado a partir de uma oficina intitulada “Aspectos da cultura brasileira nas HQs: as estrelas da Turma da Mônica de Maurício de Sousa Produções” que oferecemos no departamento de Língua Portuguesa, na Universidade de Aswan, localizada na cidade de Aswan, Egito, em janeiro de 2017.

² Doutora em Letras: ensino de Língua e Literatura. Professora do Magistério Superior na Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus Universitário de Porto Nacional. End. Quadra 706 Sul, Alameda 12, Lote 12. Residencial Grand Park Veredas. Apto. 1705. Bairro: Plano Diretor Sul. Palmas – Tocantins. CEP: 77022-392. Tel. (63) 99971-9905. liviamelo@uft.edu.br

informações. Podem ser utilizadas como material pedagógico em contextos de instrução. Configuram-se em ricas fontes para análise linguística, a exemplo dos recursos da intertextualidade (alusões, citações, paródias, paráfrases) e o princípio do dialogismo. As narrativas combinam linguagem verbal e visual, além de remeterem a intertextos diversos, a exemplo de filmes, contos de fadas, músicas, clássicos da literatura, os quais são recriados e recontados em outras histórias, sem desconsiderar as características próprias de cada personagem de seu idealizador.

Nas HQ, diversos temas da cultura brasileira são tratados, como tradicionais brincadeiras infantis, religiosidade, credences populares, personagens do folclore³ (Saci-pererê, curupira, Iara, mãe d'água, mula-sem-cabeça, lobisomem), animais da fauna brasileira, festas populares (carnaval⁴, festa junina⁵, festa agropecuária), futebol, costumes, músicas⁶, poesias, comidas típicas, questões regionais, dentre outros.

São histórias repletas de aspectos culturais, podendo orientar a cultivar maneiras, costumes, respeito ao próximo, tolerância à diversidade, alimentação saudável, preservação da cultura indígena e rural, a defesa e proteção do meio ambiente, inclusão social⁷, cuidado com os animais, coleguismo na escola.

Essas HQ possibilitam um trabalho interdisciplinar em sala de aula nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, no Ensino Médio, e até mesmo, no Ensino Superior, podendo contribuir para o uso pedagógico, incentivo à leitura, despertar o interesse dos alunos no estudo de questões relacionadas ao meio ambiente, no conhecimento da cultura brasileira e universal, no ensino e aprendizagem de línguas. Neste sentido, situados na perspectiva interdisciplinar da Linguística Aplicada, no presente texto, temos como propósito exemplificar como as HQ da Turma da Mônica podem ser utilizadas como ferramenta pedagógica para o estudo de conteúdos disciplinares.

Este artigo está organizado em quatro principais seções, além desta *Introdução*, das *Considerações finais*, *Referências bibliográficas* e *Anexos*. A seção denominada *Pressupostos teórico-metodológicos*, concerne aos aportes teóricos e metodológicos utilizados, a saber estudos do letramento científico e princípios da interdisciplinaridade. Na seção *Principais personagens das HQ da Turma da Mônica*, apresentamos algumas características dos

³ Cf. o exemplar do Chico Bento nº 12 de 2016.

⁴ Cf. o exemplar do Chico Bento nº 210 de 1995; o exemplar do Cascão nº 41 de 2014 e o exemplar da Mônica nº 22 de 2017.

⁵ Cf. o exemplar da Mônica nº 158 de 1983.

⁶ Cf. o exemplar do Chico Bento nº 73 de 2013.

⁷ Os personagens com necessidades especiais da Turma da Mônica são: Dorinha, deficiente visual; Humberto, surdo; Luca, cadeirante; Tati, portadora de Síndrome de Down; André, autista; Almir, deficiente físico; Marina, superdotada.

personagens identificados como “as estrelas” da Turma da Mônica, a partir de seus aspectos físicos e psicológicos. As duas últimas seções são destinados às análises dos dados de investigação. Em *Releitura do Egito Antigo pela Turma da Mônica*, ilustramos como a cultura universal é abordada no gênero focalizado. Por fim, em *Histórias em Quadrinhos na sala de aula*, apresentamos uma proposta de atividade didática para aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica, elaborada com base em duas HQ da Turma da Mônica.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Considerando a epígrafe deste artigo, pertencente a obra “Uma professora muito maluquinha”, escrita por Ziraldo (2012), identificamos durante toda a narrativa os diversos métodos que uma alfabetizadora utilizava para proporcionar aos alunos o hábito da leitura e da escrita, inovando a própria prática pedagógica e ensinando as disciplinas e matérias em suas aulas de forma interdisciplinar, através de uma variedade de gêneros textuais. E assim, todos os alunos aprendiam sobre História, Geografia, Matemática, poesia e música em conjunto, liam e escreviam cada vez melhor. No primeiro dia de aula, ao invés de fazer chamada, a professora maluquinha solicitou que os alunos escrevessem o nome completo de um outro aluno. Em seguida, ela embaralhou os nomes de todos e pediu que organizassem os nomes em ordem alfabética. Os alunos levaram a aula quase inteira para descobrir que o nome de um colega chamado *Pedro da Silva Marins* antecedia o do outro colega chamado *Pedro da Silva Martins*. E assim, ela conseguiu que os alunos descobrissem como colocar os nomes em ordem, ficando craques em dicionários e catálogos. A professora ensinava usando atividades lúdicas que auxiliava no processo de alfabetização, tais como forca, jogo de rima, caça-palavras, campeonatos de leitura, excursão, leitura de histórias em quadrinhos. No jogo de caça-palavras, por exemplo, a professora solicitava que os alunos procurassem a palavra por ela selecionada em um monte de anúncios, cartazes ou capas de revistas que ela trazia de casa. Esta protagonista da narrativa de Ziraldo, utilizava histórias em quadrinhos em suas aulas para estimular a leitura, mesmo sendo considerado por alguns, como para o professor de catecismo, o Padreco, sinônimo de pecado.

A epígrafe deste artigo refere-se a uma ocasião em que a professora levou os alunos ao cinema para assistirem ao filme “Cleópatra, a Rainha do Nilo”, o que permitiu à turma conhecer ainda mais sobre história universal, sobre os deuses egípcios, pirâmides, serpentes, princesas e diversos outros assuntos que conversavam. No dia em que uma de suas alunas,

Ana Maria, perguntou “Professora, onde é que a gente pode ler mais sobre isto”? A professora ficou muito feliz e disse que isso era tudo que queria ouvir. A personagem protagonista, tida como maluquinha, por se contrapor às normas de uma escola presa às práticas da tradição escolar, estimulava a imaginação dos alunos, acompanhava o processo de aprendizagem continuamente, despertando neles o interesse pelos estudos, pela arte e pesquisa, ensinando-lhes os saberes da vida articulados aos saberes científicos, sem prender-se à memorização de conteúdo do livro didático e à aplicação de avaliações tradicionais, propiciando-lhes a familiarização com o letramento científico ainda nos anos iniciais.

A partir desta obra da Literatura Brasileira infanto-juvenil, compreendemos que para propiciar a aquisição do letramento científico, as instituições de ensino precisam repensar a prática pedagógica de priorizar atividades e avaliações focadas na perspectiva de conceitos, definições, memorizações de conteúdos científicos e sua reprodução acrítica, com perguntas e respostas prontas. É necessário proporcionar aos estudantes alternativas mais produtivas de aprendizagem que os familiarizem à formação cidadã, comprometida com o pensamento analítico, reflexivo e crítico, e sua imersão em contexto teórico-conceitual da ciência, permitindo articulações com aspectos sociais, políticos, econômicos e tecnológicos (cf. SOBRINHO, RAMOS e SANTOS, 2016).

O termo letramento científico tem sido usado em pesquisas acadêmicas há mais de quatro décadas no campo do Ensino de Ciências Naturais. Atualmente, existe diversas compreensões teóricas sobre esse termo. No campo da Linguística Aplicada, estamos compreendendo este fenômeno como conhecimentos e habilidades de leitura e escrita envolvidas na produção do conhecimento de domínio científico que permite a participação ativa dos estudantes na sociedade. Em complemento a essa conceituação, Silva (2016, p. 14), numa perspectiva crítica, acentua que o letramento científico envolve “práticas investigativas informadas pela escrita em função da produção de conhecimentos necessários ao desenvolvimento humano na complexidade que lhe é constitutiva em diferentes domínios sociais”.

Fernandes (2016), ao desenvolver uma pesquisa acadêmica para entender os gêneros discursivos que organizavam as atividades de iniciação científica das feiras de ciências em uma escola municipal, localizada na cidade de Palmas, Estado do Tocantins, destaca que nas instituições de ensino, a razão do letramento científico é envolver os estudantes no mundo do conhecimento científico, conduzindo-os a aprender a ler com criticidade, escrever com autonomia e elaborar gêneros desta esfera com maestria. É por meio das práticas de letramento e dos gêneros discursivos que os letramentos científicos são organizados e

efetivados. O ensino que propicia a aquisição do letramento científico é relevante e significativo e envolve os alunos no mundo da pesquisa científica, preparando-os para a vida em uma sociedade científica e tecnológica, ou seja, um ensino interdisciplinar.

Letramento é um fenômeno complexo de definir, tornando impossível o consenso em torno de uma única definição, pois envolve a consideração dos inúmeros contextos sociais, culturais, econômicos e políticos historicamente situados, nos espaços em que a linguagem é realizada e as práticas de leitura e escrita ocorrem. Nos arriscamos a definir letramento como conjunto de práticas concretas sócio historicamente situadas nos contextos específicos de interações humanas que envolvem os usos/aquisição das atividades significativas de leitura e escrita, nos vários domínios contemporâneos (MELO, 2015). Por sua vez, considerando o conjunto das obras de Bakhtin (BAKHTIN, 2000; BAKHTIN, 2002), em suma, gêneros discursivos são tipos de enunciados concretos que dispõem de formas padrão, relativamente estáveis que se atualizam continuamente. Constituído por construção composicional, conteúdo temático e estilo verbal, os gêneros discursivos são socialmente situados em determinadas circunstâncias temporais, espaciais, e ideológicas em um processo sociocultural, imprescindíveis para a interação comunicativa na sociedade.

Através de uma abordagem de ensino interdisciplinar, as HQ da Turma da Mônica podem contribuir para estreitar as relações entre as disciplinas do currículo escolar, diminuindo a fragmentação do saber, normalmente agrupados em disciplinas. Interdisciplinaridade é aqui compreendido como uma abordagem de pesquisa e ensino que estabelece a articulação e desfragmentação do saber, disposta a posicionar-se diante dos diversos níveis da realidade, suscitando o encontro entre a ciência e a existência (FAZENDA, 2009). Esta abordagem envolve um diálogo entre as disciplinas, e é a partir desse diálogo que emergem as tentativas de promover a integração de conceitos e métodos oriundos de diferentes campos do conhecimento para articular diferentes saberes, cooperando para a formação de estudantes mais críticos e autônomos.

A respeito dos temas do currículo escolar⁸, em uma entrevista concedida por Maurício de Sousa em 2010, o cartunista comenta sobre a intencionalidade de inserir nas HQ uma variedade de assuntos importantes para a formação de seus leitores:

Tenho a preocupação de colocar alguma coisa do currículo escolar nas histórias, mas não posso por uma lição. Não pode haver uma Turma da

⁸ A editora Panini também publica a revista *Saiba Mais* com a Turma da Mônica. Cada periódico apresenta histórias de caráter educacional e conteúdo relativo ao tema da edição, como por exemplo, sobre as sete maravilhas do mundo antigo e moderno; sobre répteis; sobre pintores impressionistas; sobre o pantanal; sobre a história da nutrição, entre outros.

Mônica professoral. Aqui no Instituto Cultural nós temos uma pedagoga [...], que conhece tudo do currículo. Ela me ajuda com os temas que estão em evidência e eu converso com nossos roteiristas. “Vamos fazer uma historinha no meio de uma história. Escreva uma aventura, uma viagem a Marte ou qualquer coisa assim e põe no meio alguma coisa ecológica, uma preocupação com o meio ambiente, uma interação entre os povos.” [...] A nossa produção é permeada por informações que são usadas na escola. [...] Enfim, você pode colocar, tranquilamente, formação, informação e ética nas histórias em quadrinhos sem que ninguém perceba (SOUSA, 2010, p.7).

Como vimos, o cartunista assume que as HQ possuem conteúdos passíveis de trabalho pedagógico, estruturado e organizado para ensinar certos conhecimentos do contexto escolar, como questões envolvendo a educação ambiental, a interação entre os povos, a tolerância à diversidade, dentre tantos outros. Nesse sentido, os enredos dessas HQ aceitas por seus consumidores como fonte de divertimento e fantasia desinteressada, não são apenas simples entretenimentos, esses textos também funcionam como um espaço linguístico para educar, informar, e humanizar as pessoas, contribuindo para o aprimoramento cultural de seus leitores (cf. CASTRO e OLIVEIRA, 2013).

Na seção seguinte, apresentamos algumas características dos principais personagens das HQ da Turma da Mônica, a partir de seus aspectos físicos, psicológicos, vestuários, além do ano de criação e a fonte de inspiração em quem os personagens foram baseados.

Principais personagens das HQ da Turma da Mônica

A Turma da Mônica é composta por uma extensa quantidade de personagens principais e secundários. Por questões metodológicas e, por ampliar demasiado o escopo do trabalho, destacamos os personagens protagonistas, identificados nas HQ como “as estrelas” da Maurício de Sousa Produções (MSP) que são: Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e Chico Bento.



Mônica

Mônica, a dona da rua do Limoeiro⁹, é reconhecida por seus cabelos lisos penteado para o lado, dentes salientes e por usar um vestido vermelho, apesar de aparecer com modelos diferentes vez ou outra. Seu brinquedo favorito é o Sansão, um coelho de pelúcia azul inanimado e companheiro inseparável. Quando os seus amigos, principalmente o Cebolinha e o Cascão, provocam-na, chamando-a de baixinha, gorducha, dentuça, botijão de gás, cabelo de banana, dente de abridor de lata, e pegam o seu coelho escondido para dar nós em suas orelhas, Mônica fica furiosa, e ninguém segura suas coelhadas. Quando Mônica e os seus amigos estão de bem, eles adoram brincar todos juntos de roda, bola, peteca, bola de gude, amarelinha, bicicleta, perna de pau, pião, corrida de saco, esconde-esconde, pega-pega, cabra-cega, pinturas, ioiô, pular corda, soltar pipa, dentre outras. Essa menina do vestido vermelho, sabichona, briguenta, nervosa e forte, possui temperamento marcante e foi inspirada em uma das filhas de Maurício de Sousa, de mesmo nome. Teve sua estreia numa tira de jornal em 1963, conquistou seu estrelado e em maio de 1970 ela ganhou sua revista própria. Além das HQ, na companhia de seus amigos, neste meio século, Mônica e a sua turma tornaram-se um sucesso nos desenhos animados, no teatro, cinema, nas campanhas publicitárias, e em milhares de produtos, vendidos no Brasil e no exterior. Ganhou o título de embaixadora do UNICEF, do turismo e da cultura brasileira (cf. SOUSA e SILVA, 2000a; SOUSA, 2016a). Esta personagem com personalidade forte, representa liderança e é o retrato da independência e o empoderamento feminina.

⁹ Limoeiro é nome fictício de um bairro em São Paulo. É o local em que se passam as histórias da Turma da Mônica.

	<p>Cebolinha é um garoto reconhecido por seus cinco fios de cabelo espetados e o seu jeito “englaçado” de falar, pois possui dislalia e troca o “R” pelo “L”. É o pensador de planos infalíveis que adora provocar Mônica e vive arquitetando planos geniais para furtar o seu coelho de pelúcia, derrotá-la e se tornar o dono da “lua”, como ele mesmo costuma falar. Os seus planos sempre dão errado e, ao final, ele acaba levando coelhada do Sansão. Gosta de jogar bola com os seus amigos, tocar violão, ler gibi, desenhar, colecionar figurinhas. O seu parceiro inseparável é o Cascão, com quem vive aventuras incríveis. Seu bicho de estimação é um cachorro peludo chamado Floquinho que nunca se sabe se está indo para frente ou para trás. Cebolinha foi inspirado em um menino chamado Luís Carlos da Cruz que fez parte da infância de Maurício de Sousa. Cebolinha teve sua estreia em 1960, porém, sua primeira revista foi publicada em 1973 (cf. SOUSA e SILVA, 2002a; SOUSA, 2016b). Apesar de viver aprontando, esse personagem contesta lideranças.</p>
<p>Cebolinha</p>	
	<p>Cascão é um menino esperto, alegre e inteligente, companheiro imbatível do Cebolinha, mas sempre estraga os planos geniais do amigo. É reconhecido pelas manchas de sujeira no rosto, cabelos empelotados de terra, por usar um calção preso por apenas uma alça do suspensória, tem medo de água, e vive fugindo do banho e da chuva. Para não ser pego de surpresa por uma nuvem de chuva, não larga o seu guarda-chuva. Gosta de juntar coisas usadas, brincar no lixo, fabricar seus próprios brinquedos. Sua brincadeira preferida é brincar de fazer brinquedos de sucata que fazem a diversão da turma. Seus amigos reclamam o tempo todo do seu cheiro. Cascuda é a sua namorada que também não é muito fã de banhos. O bicho de estimação deste personagem é um porco sujinho chamado Chovinista. Cascão também foi inspirado nas recordações do próprio Maurício de Sousa em um amigo de infância, o J.S. Teve sua estreia em 1961, porém, ganhou sua própria revista em agosto de 1982. Apesar de sujo, esse garoto é um defensor da natureza e sabe que sujeira não faz bem a ninguém, por isso, não permite que as pessoas perto dele, joguem lixo em lugar errado, poluam rios, sujem ruas, ou mesmo poluam o ar (cf. SOUSA e SILVA, 2002b). Este personagem inteligente e esperto, não enfrenta Mônica, mas desafia regras e sugere ideias de contestação.</p>
<p>Cascão</p>	

	<p>Magali é reconhecida por ser amiga de todos, pelo jeito meigo, alegre, sempre de bem com a vida, pelo apetite insaciável e por adorar melancias. Trata com carinho os animais e seu bicho de estimação é um gato angorá chamado Mingau. Seu namorado é o Quinzinho, o dono da padaria, um menino que adora agradá-la com os seus pães de queijo, sonhos, brigadeiros, bolos, tortas, etc. Nas HQ, vez ou outra, Magali aparece ajudando o seu primo Dudu a comer a sua comida, pois o garoto, em fase de crescimento, não gosta de comer quase nada, para o desespero de sua mãe. Apesar de ter um apetite incontrollável, Magali é magra e delicada. Essa garota de cabelo escorrido que usa vestido amarelo, identifica-se com outra filha de Maurício de Sousa, de mesmo nome. Teve sua primeira aparição em janeiro de 1963, porém, ganhou sua própria revista mensal em fevereiro de 1989 (cf. SOUSA e SILVA, 2000b).</p>
<p>Magali</p>	
	<p>Chico Bento é o personagem caipira que vive uma vida simples em um sítio perto da Vila Abobrinha, com igreja, pracinha, coreto e escola. É reconhecido por usar chapéu de palha com as pontas desfiadas, cabelos desalinhados, andar de pés no chão, vestir camisa amarela e calça curta com estampas quadriculadas azul. Essas duas cores de suas vestimentas reafirmam as cores da bandeira brasileira e simbolizam os elementos de nossa riqueza natural, o ouro e o céu de anil. Sua professora, Dona Marocas, vive dizendo que ele precisa estudar, mas ele não é muito chegado aos estudos. Usa um léxico próprio, o “caipirês”, modo de falar que representa uma variedade linguística que caracteriza as pessoas que moram e trabalham no campo. Chico aprecia cuidar dos animais de seu sítio, pescar no rio, nadar, passear no seu burrico, roubar goiabas no sítio de seu vizinho Nhô Lau, tocar modas de viola, descansar debaixo das árvores e sempre se apresenta preocupado com a preservação do meio ambiente. Com a sua turma, Rosinha, a namorada, Zé Lelé, Hiro, Zé da Roça, e muitos outros personagens com quem vive aventuras incríveis, ama ouvir as histórias engraçadas e de assombração contadas por sua avó Dita. O personagem Chico Bento foi criado baseado em um tio-avô de Maurício de Sousa, que ele não conheceu pessoalmente, mas de quem ouviu inúmeras histórias. Ajuda o seu pai na roça, vai à igreja aos domingos e auxilia o padre Lino na missa. Criado em 1961, Chico Bento teve a sua primeira revista lançada somente em agosto de 1982. Esse personagem representa a pureza, a simplicidade e a falta de pressa que caracterizam a vida no campo. Em sua essência, Chico Bento possui algumas semelhanças às imagens de Jeca Tatu, famoso personagem de Monteiro Lobato, pois, ambos são considerados tranquilos, não usam calçados e tipificam o homem campestre. O nome “Chico Bento”, indica a devoção ao catolicismo, religião predominando no Brasil, Chico, abreviação de Francisco, Bento, abençoado (cf. SOUSA, 1990; SOUSA e SILVA, 2002c; PARRILLA, 2006).</p>
<p>Chico Bento</p>	

Tabela 1 – Principais personagens das HQ

Fonte das imagens: <http://www.turmadamonica.com.br/> (acesso em 24 de março de 2017)

Para abordar temas da cultura universal, por exemplo, os personagens da Turma da Mônica, viajam diversos países para viver suas aventuras, a exemplo do Egito (Cebolinha nº 64, 1992; Magali, nº 61, 2012, Magali, nº 26, 2017, Cascão nº 5, 2015), Arábia Saudita (Mônica nº 29, 1989; Mônica nº 35, 2009), Japão (Mônica nº30, 1989), França (Mônica nº31, 1989), Inglaterra (Mônica nº 32, 1989), Itália (Cascão nº 63, 1989) e Portugal (SANTOS e SOUSA, 2013). Essa universalidade facilitou a internacionalização da MSP. As revistas da turma podem ser encontrados em Inglês e Espanhol e são publicadas em outros países, sem haver uma modificação na caracterização dos personagens¹⁰. As publicações da turma também são interessantes recursos didáticos para serem trabalhados nas aulas de Língua Estrangeira.

Releitura do Egito Antigo pela Turma da Mônica

Para ilustrar, apresentamos o modo como a cultura universal é abordada nas HQ da turma. Reproduzimos adiante duas capas de exemplares com aventuras que ocorreram no Egito Antigo.

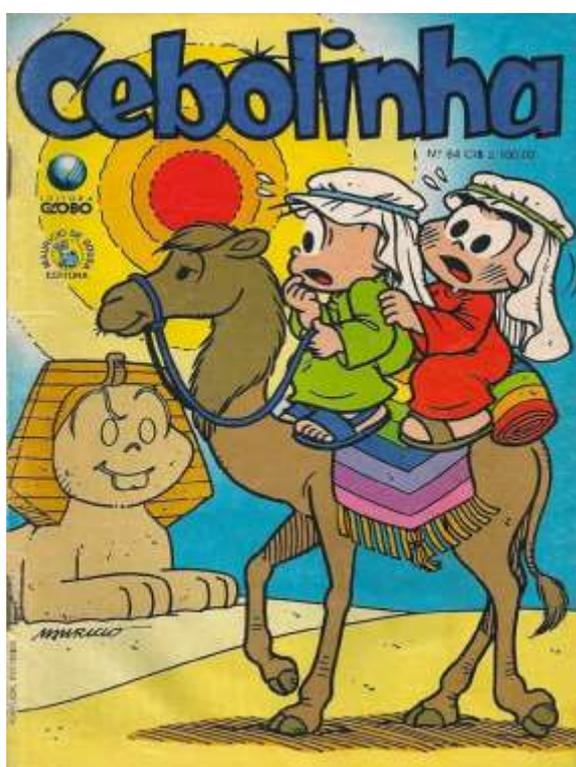


Figura 1 - Capa do exemplar do Cebolinha nº 64 (Editora Globo, 1992)

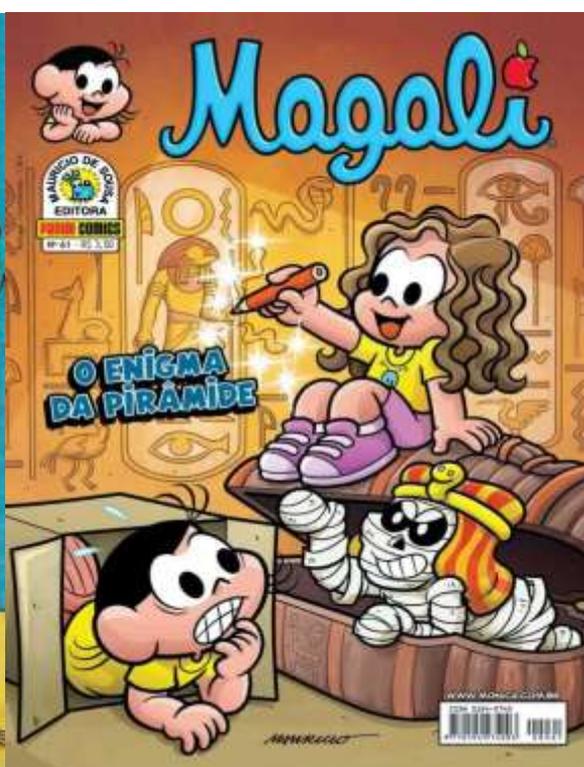


Figura 2 - Capa do exemplar da Magali, nº 61 (Editora Panini, 2012)

¹⁰ Para representar a dislalia de Cebolinha, por exemplo, no Inglês, quando o personagem fala ele usa “W” em vez de “R” (BATHWOOM significa BATHROOM; CONTWOL - CONTROL; BWAZIL – BRAZIL). No espanhol, quando o personagem fala, ele troca o “R” por “L” (DEMUESTLO - DEMUESTRO; LIMONELO - LIMONERO; GLACIAS - GRACIAS).

A capa do exemplar do Cebolinha nº 64, publicado pela Editora Globo em 1992, mostra Cebolinha e Cascão com trajes da cultura árabe, em cima de um camelo no Egito, país localizado no nordeste da África, região pertencente ao mais quente deserto do mundo, o Saara. Nem mesmo lá, os garotos conseguem ficar livres de Mônica que se passa por a Grande Esfinge de Giza, uma criatura mítica com a cabeça humana e o corpo de leão. A Grande Esfinge de Giza, uma das maiores e mais antigas esculturas do mundo é uma estátua de pedra que possui 73 metros de comprimento, 20 metros de altura. Acredita-se que o rosto desse monumento seja uma representação do rosto do faraó Khafre (chamado também de Quéfren, Khefren, Chephren), um rei egípcio da quarta dinastia do Império Antigo. É possível que este monumento foi construído para servir como um guardião da pirâmide de Khafre, a segunda maior pirâmide de Gize, um símbolo do poder real. O monumento pode estar associado com o nascer e o pôr-do-sol e possivelmente simboliza Khafre no papel de fazer oferendas ao deus sol (GAHLIN, 2010).

O exemplar em destaque, possui onze (11) histórias no total, contando com a tirinha final. Não há nenhuma narrativa relacionada com a temática da capa, pois, a imagem representa uma série de capas com os personagens da turma viajando em outros países, aproveitadas originalmente de cadernos escolares que eram vendidos na época. Na imagem reproduzida, Mônica, ao se passar por esfinge, exibe o seu poder e força, e provoca pavor e surpresa em Cebolinha e Cascão ao se depararem com a garota.

No exemplar da Magali nº 61, publicado pela Editora Panini em 2012, “O enigma da Pirâmide, mostra Magali e Marina que foram parar no Egito por causa de um lápis mágico, tentando desvendar os mistérios que envolvem a construção das pirâmides de Giza, uma das sete maravilhas do mundo antigo e a maior estrutura de pedra já edificada. As pirâmides egípcias foram construídas para serem monumentos funerários para os corpos mumificados dos faraós e seus consortes durante o período do Antigo Império. As mais famosas encontram-se na Necrópole de Giza, na cidade do Cairo, onde estão localizadas as pirâmides de Khufu (chamado também de Quéops), Khafre (Quéfren) e Menkauré (Miquerinos), faraós da quarta dinastia egípcia. A mais enorme dessas estruturas é a grande pirâmide de Khufu com altura de 146 m. Não se sabe ao certo como as pirâmides foram construídas, pois não foi descoberto registros que informe sobre a questão. Há estudos que dizem que a construção se deu pelo trabalho escravo dos hebreus durante sua estada no Egito; mitos que afirmam que a construção se deu por alienígenas (GAHLIN, 2010), entre uma série de conjecturas e informações em desencontro que geraram a visão popular dos enigmas da pirâmide, que é

exatamente o que Magali e Marina, personagens que compõem a turma, tentam desvendar na história principal.

A capa do exemplar em destaque mostra as duas garotas no interior de uma das pirâmides. No local, elas encontraram sarcófago; múmia; deuses egípcios; um incrível tesouro faraônico com joias, máscaras, coroas, vasos e ainda se deparam com símbolos incríveis em hieróglifos, a escrita dos antigos egípcios.

Ainda sobre o Egito Antigo, reproduzimos adiante imagens de duas peças arqueológicas encontradas no Egito que estão entre as obras mais copiadas do mundo e, sua releitura com os traços da turma da Mônica.



Figura 3 - Máscara Mortuária de Tutankamon. Fonte da imagem: <https://www.publico.pt/2015/01/22/culturaipilon/noticia/barba-de-tutankhamon-partida-e-colada-a-pressa-1683098#&gid=1&pid=1> (acesso em 24 de março de 2017)



Figura 4 - ChicanKamon, o faraó caipira. Fonte da imagem: Sousa (2010, p. 49)

Na Figura 3, temos a máscara mortuária de Tutankamon, um faraó do Egito Antigo da décima oitava dinastia. Conhecido como o faraó menino, Tutankamon assumiu o trono com doze anos de idade e morreu aos dezenove anos. A sua morte precoce é um grande mistério para a Arqueologia. Em 1922, o arqueólogo Inglês Howard Carter descobriu no Vale dos Reis, em Luxor, a tumba do faraó intacta. Nela, o arqueólogo encontrou o corpo mumificado do faraó dentro de um sarcófago, coberto com uma máscara feita de ouro maciço (cf. Figura 3), e uma incrível quantidade de tesouros, incluindo joias, ornamentos, esculturas, vasos, etc. (GAHLIN, 2010). Atualmente, a máscara e os seus pertences

estão no museu do Cairo, capital do Egito. Na Figura 4, temos Chico Bento com uma cara de satisfação se passando por Tutankamon, ou melhor, ChicanKamon, o faraó caipira brasileiro.



Figura 5 - Busto da rainha Nefertite.
 Fonte da imagem:
<https://br.pinterest.com/noemibertrand/es-cultura-egipcia/?lp=true>
 (acesso em: 24/03/2017)



Figura 6 - Rosinha de Nefertiti(nha)
 Fonte da imagem: Sousa (2010, p. 57)

Na Figura 5, reproduzimos uma imagem de uma escultura com o busto de calcário com a face esculpida da rainha Nefertite, uma rainha do Egito Antigo, pertencente a décima oitava dinastia, esposa do faraó Akhenaten, o faraó conhecido por impor a adoração a um único deus, Aton, o deus sol (GAHLIN, 2010). Nefertite, cujo nome significa “a mais bela que chegou”, é uma das mais misteriosas rainhas egípcias, pois pouco se sabe sobre sua vida e sua morte é desconhecida. Por causa da peça encontrada em 1912 pelo arqueólogo alemão Ludwig Borchardt, sabe-se que ela era muito bela. Acredita-se também que ela era estrangeira. Atualmente, a obra está no Museu de Berlim, na Alemanha. Na Figura 6, temos Rosinha, personagem da turma que serve de modelo para a escultura de Nefertite.

A releitura das esculturas egípcias apresentadas, ChicanKamon, o faraó caipira e Rosinha de Nefertiti(nha)¹¹, entre outras esculturas e obras de arte famosas que marcaram a história da humanidade com os protagonistas substituídos por personagens da Turma da

¹¹ ChicanKamon e Nefertiti(nha) foram incluídas entre algumas esculturas exibidas em uma exposição que ocorreu no MuBE, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia, em São Paulo, em julho de 2009 em comemoração aos 50 anos de carreira de Maurício de Sousa.

Mônica, homenageando artistas como Van Gogh, Michelangelo, Velázquez, Di Cavalcanti, Pedro Américo, Gauguin, Manet, Monet e Botticelli, estão disponíveis no livro/álbum *Histórias em Quadrões com a Turma da Mônica v. 2* (SOUSA, 2010) que circula pelo Brasil.

A releitura destas duas esculturas, bem como a capa dos exemplares exibidas nesta seção, a história principal pertencente ao exemplar da Magali nº 61 de 2012 e ao exemplar do Cascão nº 5 de 2015, podem ser uma possibilidade para o professor trabalhar de forma crítica conteúdos propostos no currículo escolar que envolvem questões históricas, mitológicas e religiosas do Egito Antigo, cultivando nos estudantes razões para a entrada nos livros de história, em conjunto com outras disciplinas que possam contribuir para a reconstrução de fatos históricos, potencializando a produção de conhecimentos científicos ao envolver os alunos com autonomia, no mundo da pesquisa científica.

As imagens reproduzidas, apesar de suas contribuições para o ensino, ainda retratam uma fração da cultura do Egito Antigo e descrevem genericamente os estereotípicos do país aos brasileiros. Ao levá-las para a sala de aula, os alunos, orientados pelos professores, terão a oportunidade de analisar os diversos aspectos dessa cultura, repensar os estereótipos desse país a partir de ponto de vista diversos. As imagens podem ainda provocar uma pesquisa sobre o Egito contemporâneo, muitas vezes desconhecido no Brasil, e assim, práticas de investigação científica poderão ser desencadeadas.

Histórias em Quadrinhos na sala de aula

Nesta seção, apresentamos uma proposta de atividade didática para aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica, elaborada com base em duas HQ (cf. anexo 1 e 2) da turma da Mônica: “Magali em: a cigarra e a formiga” e “Chico Bento em: é o amor...”. Sugerimos respostas as questões para auxiliar o trabalho do professor, o que não significa que os alunos tenham que se utilizar da mesma linguagem nelas empregada.

A primeira narrativa, publicada em português (cf. o exemplar Turma da Mônica nº 18 de 2016), Inglês (cf. o exemplar Monica and friends nº 18 de 2016) e Espanhol (cf. o exemplar Mónica y sus amigos nº 18 de 2016), traz a história de dois personagens principais, Magali que se passa por formiga e o seu primo Dudu que se passa por cigarra. A formiga orienta a cigarra a parar de cantar e de tocar a viola desafinada para empenhar-se em acumular provisões para sobreviver no inverno, mas essa argumenta que está trabalhando em sua música. De acordo com a formiga, música não é trabalho e caso a cigarra não se dedique a atividade produtiva, no inverno, não terá o que comer. Com isso, a cigarra fica muito feliz,

pois, ao contrário de sua amiga, ela não é chegada em comida e já havia preparado sua reserva em uma marmitta. A formiga pede a amiga para pelo menos mudar a música. Enfurecida, a cigarra diz que a música é o seu trabalho e que ficaria famosa. Com a chegada do inverno, a formiga não resiste e come toda a comida. Desprovida de alimento para atravessar a estação que mal iniciara, com fome e sem saber o que fazer, a formiga vê a sua amiga no frio e vai ao seu encontro para dá-lhe lições. No entanto, a encontra rodeada por câmeras, gravando um videoclipe, pois havia se tornado um astro pop e sua música estava fazendo sucesso. A formiga foi quem aprendeu a lição de não subestimar as suas amigas. No desfecho da narrativa, Dudu surge tocando sua viola, contando a história a Magali. A garota que aparece na última vinheta carregando uma sacola pesada, cheia de comida, diz ao primo que ele poderia continuar cantando e tocando, pois não precisava inventar histórias para não ter que ajudá-la com as compras.

A HQ retoma o mito que diz que a cigarra é um inseto preguiçoso e a formiga trabalhador. Sobretudo, é válido destacar que a cigarra é um animal que durante invernos rigorosos entra em estado de hibernação, reduzindo ao máximo as atividades do seu organismo, consumindo as reservas de energia acumuladas nos meses anteriores, por isso, quase não precisa se alimentar. Possivelmente, devido a este estado, criou-se o mito de que a cigarra é preguiçosa e que deve aprender com a formiga, um inseto organizado, que tem iniciativa, persistente que trabalha durante o verão para ter suprimento na estação fria. No enredo, há discursos que definem o trabalho. Para a formiga, a atividade artística da cigarra é tida como ociosidade, banalidade, algo prazeroso, portanto, não poderia ser considerado labor. Em sua visão, o trabalho é um conjunto de atividades que tem como fim a subsistência e é um peso.

Na segunda narrativa, temos Chico Bento cantando e tocando a sua viola, ensaiando a música “É o amor...” para fazer uma serenata a sua namorada Rosinha. Ao observar o sol quase se pondo, para não perder a hora, o caipira resolveu continuar o ensaio no caminho entre a sua casa até à casa de Rosinha. No trajeto, os animais desesperados, para não terem que ouvir a canção desafinada¹², cantada em “caipirês” (*que mexe ca minha cachola; i mi dexa ansim; ocê é o meu pão di mer...*), mergulham no rio, tapam os ouvidos, escondem em suas tocas e colmeias. Ao chegar em seu destino, Chico Bento declara-se à amada, a qual, surpresa e muito contente com a homenagem, indica amor pelo namorado, o que é confirmado pelas expressões faciais e a postura do corpo da personagem. O pai de Rosinha, irritado com a

¹² Na narrativa, as figuras musicais tortas indicam a desafinação do cantor.

cantoria e, possivelmente, enciumado, comenta com a esposa que ao olhar para o garoto percebe o quanto a sua filha é cega, mas questiona se a mesma também tinha que ser surda. E assim, o discurso da sabedoria popular, o amor é cego e surdo é implicitamente retomado na HQ.

As duas HQ trazem elementos em comum, dentre eles podemos mencionar o tema música, elementos da fauna e da flora brasileira, a vida no campo e na cidade, os diálogos implícitos com outros textos. A primeira HQ é uma releitura da fábula “A cigarra e a formiga” do autor francês La Fontaine. Essa fábula foi recontada por autores de diversas nacionalidades, inclusive por brasileiros, dentre os quais podemos destacar Maurício de Sousa com “A cigarra e a formiga” (SOUSA, 2014) e Monteiro Lobato com “A cigarra e as formigas”. A segunda HQ é uma releitura da canção “É o amor”, composta pelo cantor e compositor brasileiro Zezé de Camargo. Nos enredos de ambas as HQ, as características próprias dos personagens da turma da Mônica não são desconsideradas. Magali, a formiga continua com o seu apetite incontrolável. Dudu, a cigarra, mantém a sua falta de apetite. Chico Bento, o caipira simples que aprecia a natureza, orienta-se no tempo por meio do sol, um recurso astronômico que indica o período do dia. Rosinha, uma menina decidida e muito estudiosa é um encanto de menina. Usa um vestido de chita bem alinhado e tranças com fitas no cabelo. A personagem faz jus ao nome da flor a qual empresta o nome. O diálogo com os textos mencionados é uma forma de resgatá-los, prestar um novo sentido, causar humor e é um convite ao leitor para manter-se bem informado.

Na atividade exibida na tabela 2, elaboramos questões de compreensão leitora que configuram-se como estratégias de mediação, pois, permitem ao aluno ter contatos com o gênero estudado. Com a leitura, o aprendiz poderá acionar os seus conhecimentos prévios, conhecimentos de mundo, ativar os esquemas mentais e realizar inferências para construir novos conhecimentos, tornando o ensino mais prazeroso, pois, espera-se que grande parte dos alunos sejam conhecedores das histórias da turma da Mônica e, possivelmente, saibam falar a respeito dessa turma.

<p>Proposta de compreensão: Questionar os alunos sobre as duas HQ:</p>
<p>1 – Você gostou das HQ? O que mais chamou a sua atenção nas narrativas?</p> <p>Resposta pessoal.</p>
<p>2 – Quem são os autores das HQ que você leu?</p> <p>Resposta sugerida: As historinhas das HQ são assinadas por Maurício de Sousa, mas na abertura de cada uma delas, há um quadro no qual aparecem os nomes de quem fez o roteiro, o desenho e a arte-final.</p>

3 – Qual é a editora que publicou as HQ que você leu?

Resposta sugerida: Editora Panini.

4 – Quais os assuntos principais tratado nas HQ?

Resposta sugerida: os assuntos principais tratados nas HQ são definições de trabalho, música e alimentação.

5 – Quais os personagens principais responsáveis pelas ações manifestadas nas HQ? Descreva algumas características físicas e psicológicas compreensíveis a partir da leitura.

Resposta sugerida: Na HQ “Magali em: a cigarra e a formiga” os personagens principais são Magali que se passa por formiga e Dudu que se passa por cigarra. Magali é uma garota que usa vestido amarelo, meiga, alegre, sempre de bem com a vida. Essa personagem é comilona e adora melancia. Apesar de ter um apetite incontrolável, ela é magra e delicada. Dudu é um garoto em fase de crescimento e que não gosta de comer quase nada. Ele é primo da Magali. Magali quase sempre acaba ajudando Dudu a comer a comida que a sua mãe prepara para ele com tanto carinho. Na HQ “Chico Bento em: é o amor...” os personagens principais são Chico Bento e Rosinha. Chico Bento é o personagem caipira que vive uma vida simples em um sítio perto da Vila Abobrinha. Ele é reconhecido por usar chapéu de palha com as pontas desfiadas, cabelos desalinhados, andar de pés no chão, vestir camisa amarela e calça curta com estampas quadriculadas azul. Esse personagem usa um léxico próprio, o “caipirês”. Aprecia cuidar dos animais de seu sítio, tocar modas de viola. Rosinha é a namorada de Chico Bento. É uma menina que usa tranças com fitas no cabelo e vestido de chita. É bonita e muito decidida.

6 – Quais os personagens que colaboram com as ações realizadas pelos personagens principais?

Resposta sugerida: Na HQ “Magali em: a cigarra e a formiga” os personagens que colaboram com as ações realizadas pelos personagens principais são a barata e a joaninha. Já na HQ “Chico Bento em: é o amor...” são os animais (o jacaré, as abelhas, os macacos, o tatu, as cobras, a vaca, o pássaro, a galinha) e os pais de Rosinha.

7 – Onde se passam os acontecimentos narrados nas HQ?

Resposta sugerida: Na primeira HQ, os acontecimentos se passam em uma floresta e na cidade, no Bairro do Limoeiro. Na segunda, os acontecimentos se passam nos sítios em que vivem Chico Bento e Rosinha.

8 – Conte para os seus colegas as histórias narradas nas HQ (Escolher 3 alunos de uma outra turma que não conhecem as HQ para a contagem oral).

9 – Quais as semelhanças entre as duas HQ?

Resposta sugerida: As duas HQ trazem elementos em comum, dentre eles podemos mencionar o tema música, elementos da fauna e da flora brasileira, a vida no campo e a vida na cidade, os diálogos implícitos com outros textos.

10 – Qual o efeito humorístico causado pelas HQ?

Resposta sugerida: Em ambas HQ o efeito humorístico é obtido pela imprevisibilidade do final das narrativas.

11 – Você conhece outros textos que dialogam com as HQ apresentadas? Caso sua resposta seja positiva, indique quais os textos que dialogam com as HQ que você conhece.

Resposta sugerida: A primeira HQ é uma releitura da fábula “A cigarra e a formiga” do autor francês La Fontaine. Essa fábula foi recontada por autores de diversas nacionalidades, inclusive por brasileiros, dentre os quais podemos destacar Maurício de Sousa com “A cigarra e a formiga” e Monteiro Lobato com “A cigarra e as formigas”. A segunda HQ é uma releitura da canção “É o amor”, composta pelo cantor e compositor brasileiro Zezé de Camargo.

12 – Nas HQ, que sentidos são produzidos a partir do diálogo com outros textos?

Resposta sugerida: Nas HQ, o diálogo com os outros textos é uma forma de resgatá-los, prestar um novo sentido, causar humor e é um convite ao leitor para manter-se bem informado.

Tabela 2 – Práticas de leitura

Na atividade proposta, há questões (questões 2, 3, 5, 6 e 7) que apesar de ser um levantamento de informações explícitas das HQ, pode ser utilizada para verificar se os alunos conseguiram identificar informações contextualizadoras dos textos, tais como, autores, editora, características físicas e psicológicas dos personagens principais, personagens secundários, espaços em que se passam os enredos, principais acontecimentos. Porém, há questões que demandam do aluno um nível maior de leitura (questões 4, 9, 10, 11 e 12).

A partir das duas HQ focalizadas, para o professor trabalhar em outras disciplinas os conteúdos atrelados aos ministrados nas aulas de Língua Portuguesa, nas aula de geografia sugerimos a observação e identificação dos elementos da paisagem (vegetação, clima); os tipos de moradia; os elementos presentes nas HQ que revelam tratar-se do ambiente rural e do ambiente urbano; a importância dos lugares para o roteiro; a relação dos personagens com os lugares. Em ciências ou biologia recomendamos chamar a atenção dos alunos para os tipos de alimentação saudável; algumas curiosidades sobre os animais envolvidos nos enredos, como por exemplo, a função do canto inconfundível da cigarra; a categoria dos animais que aparecem nas HQ (insetos, mamíferos, reptéis); o habitat dos animais. Em artes aconselhamos enfatizar os sentidos indicados pelas cores das vestimentas dos personagens, pois, as cores são elementos que compõe a linguagem dos quadrinhos e caracterizam os personagens. Em Inglês ou espanhol sugerimos o uso de mapa semântico com figuras e palavras para o tema animais domésticos, selvagens, mamíferos, reptéis, insetos. Esse tema deve ser colocados numa posição central no quadro negro, em forma de palavras-chave. Em seguida, o professor deve encorajar os alunos a dizerem palavras relacionadas com o tópico e ir puxando linhas secundárias que emergem a partir do centro para registrar o que os alunos dizem sobre o tema.

Como proposta de produção textual, o professor pode indicar uma fábula para os alunos retextualizarem, a partir da afinidade da história com algum personagem da turma da Mônica, produzindo uma HQ. Nesta fase, é possível verificar os conhecimentos adquiridos pelos alunos em relação ao gênero trabalhado, analisar as produções realizadas e encaminhar a reescrita. O aluno precisará reescrever seu texto, considerando as observações realizadas pelo professor, para que, finalmente, adquira autonomia quanto à produção individual de uma HQ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não temos exatamente uma conclusão para este trabalho devido à aceitação da incompletude do estudo realizado. Logo, apesar das limitações, esperamos que o mesmo possa servir de orientações para trabalhos futuros que tratem de forma mais exaustiva sobre o uso de histórias em quadrinhos como ferramenta pedagógica mediadora do trabalho com conteúdos disciplinares.

Ilustramos como a cultura universal é abordada no gênero focalizado e elaboramos uma atividade didática para aulas de Língua Portuguesa na Educação Básica, a qual, pode ser explorada em diálogo com outras disciplinas curriculares.

Acentuamos que na perspectiva dos pressupostos teóricos assumidos, a saber, os estudos do letramento científico e os princípios da interdisciplinaridade, o educador não se deve colocar como centro do processo de ensino-aprendizagem, pois este profissional não é o detentor único do saber. Em diálogo com o aluno, o educador precisa criar oportunidades de aprendizagem que façam sentido para os seus alunos, contribuindo para a formação de um sujeito autônomo, protagonista de sua aprendizagem, curioso, capaz de pensar cientificamente e usar procedimentos de pesquisa para produzir novos saberes.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10a edição. São Paulo, Editora HUCITEC, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermentina Galvão. 3ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

CASTRO, Bruna Jamila; OLIVEIRA, Moisés Alves. Lições de natureza em uma história em quadrinhos. In: *Textura*, n. 27, jan./abr. 2013. p. 52-63.

FAZENDA, Ivani. C. Arantes. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 16. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

FERNANDES, Elizangela da Rocha. *Letramento científico no ensino básico público no município de Palmas – Tocantins*. 2016. 106f. Dissertação (Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2016.

GAHLIN, Lucia. *Egypt: gods, myths and religion*. London: Hermes House, 2010.

MELO, Livia Chaves. *Formas Linguísticas de Inscrição do Outro e do Eu-Mesmo na Escrita Reflexiva Acadêmico-Profissional de Relatórios de Estágio de Professores de Língua*. 2015. 167f. Tese (Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2015.

PARRILLA, F. A. *Chico Bento, um caipira do campo ou da cidade?: a representação do espaço rural e urbano e de seus habitantes na revista em quadrinhos do Chico Bento (1982-2000)*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis – SP, 2006.

SANTOS, José; SOUSA, Maurício de. *Turma da Mônica em uma viagem a Portugal: as diferenças do Português falado no Brasil e em Portugal*. São Paulo: Editora Leya casa da palavra, 2013.

SILVA, W. R. Letramento Científico na formação inicial do professor. In: *Revista Práticas de Linguagem*, v. 6 especial - Escrita discente – 2016. p. 8 - 23.

SOBRINHO, Marcos Fernandes.; RAMOS, Tiago Clarimundo.; SANTOS, Wildson Luiz Pereira. Temas sociocientíficos (des)velados no Enem: potencialidades à ampliação de fontes e de gêneros textuais ao ensino de Física. In: *Indagatio Didactica*, vol. 8(1), julho 2016. p. 514 – 533.

SOUSA, Maurício de. A cigarra e a formiga. In: *Fábulas inesquecíveis da turma da Mônica*. São Paulo: Girassol, 2014.

SOUSA, Maurício de. *As melhores histórias do Chico Bento*. Porto Alegre: L&PM, 1990.

SOUSA, Maurício de. *Fascículos da coleção de miniaturas Turma da Mônica nº 1*. São Paulo: Editora Salvat, 2016a.

SOUSA, Maurício de. *Fascículos da coleção de miniaturas Turma da Mônica n° 2*. São Paulo: Editora Salvat, 2016b.

SOUSA, Maurício de. *Histórias em quadrões com a Turma da Mônica*. Volume 2. São Paulo: Globo, 2010.

SOUSA, Maurício de; SILVA, Yara Maura. *Oi, eu sou a Magali*. São Paulo: Editora Globo, 2000b.

SOUSA, Maurício de; SILVA, Yara Maura. *Oi, eu sou a Mônica*. São Paulo: Editora Globo, 2000a.

SOUSA, Maurício de; SILVA, Yara Maura. *Oi, eu sou o Cascão*. São Paulo: Editora Globo, 2002b.

SOUSA, Maurício de; SILVA, Yara Maura. *Oi, eu sou o Cebolinha*. São Paulo: Editora Globo, 2002a.

SOUSA, Maurício de; SILVA, Yara Maura. *Oi, eu sou o Chico Bento*. São Paulo: Editora Globo, 2002c.

SOUSA, Maurício de. Entrevista concedida a Fabio Maleronka Ferron e Georgia Nicolau. *Projeto Produção Cultural no Brasil*. São Paulo: 09 jun. 2010. Disponível em: <http://docplayer.com.br/15867826-Mauricio-de-sousa-empresario-e-criador-da-turma-da-monica.html>. Acesso em: 10/02/2017.

ZIRALDO, Alves Pinto. *Uma professora maluquinha*. 16ª edição. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

Histórias em quadrinhos citadas no texto

SOUSA, Maurício de. *Exemplar da Magali, n° 26*. São Paulo: Editora Panini, 2017.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar da Magali, n° 61*. São Paulo: Editora Panini, 2012.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar da Mônica n°30*. São Paulo: Editora Globo, 1989.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar da Mônica n°31*. São Paulo: Editora Globo, 1989.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar da Mônica n°32*. São Paulo: Editora Globo, 1989.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar da Mônica n° 158*. São Paulo: Editora Abril, 1983.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar da Mônica n° 22*. São Paulo: Editora Panini, 2017.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar da Mônica n° 29*. São Paulo: Editora Globo, 1989.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar da Mônica n° 35*. São Paulo: Editora Panini, 2009.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar da Turma da Mônica n° 18*. São Paulo: Editora Panini, 2016.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar do Cascão n° 41: coleção histórica*. São Paulo: Editora Panini, 2014.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar do Cascão n° 5*. São Paulo: Editora Panini, 2015.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar do Cascão n° 63*. São Paulo: Editora Globo, 1989.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar do Cebolinha n° 64*. São Paulo: Editora Globo, 1992.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar do Chico Bento n° 12*. São Paulo: Editora Panini, 2016.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar do Chico Bento n° 18*. São Paulo: Editora Panini, 2016.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar do Chico Bento n° 210*. São Paulo: Editora Globo, 1995.

SOUSA, Maurício de. *Exemplar do Chico Bento n° 73*. São Paulo: Editora Panini, 2013.

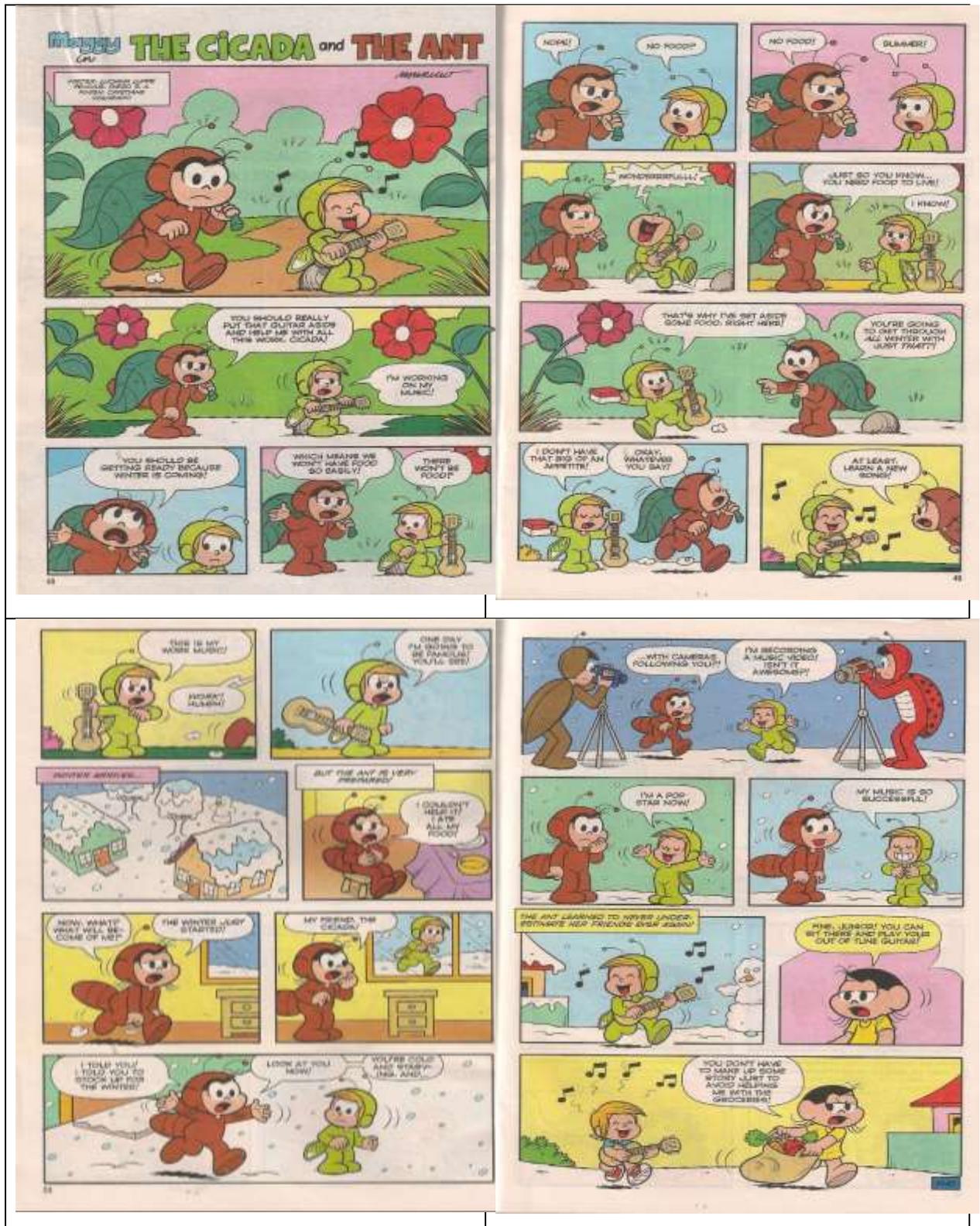
SOUSA, Maurício de. *Monica and friends issue 18*. São Paulo: Editora Panini, 2016.

SOUSA, Maurício de. *Mônica y sus amigos n°*. São Paulo: Editora Panini, 2016.

Anexo 1

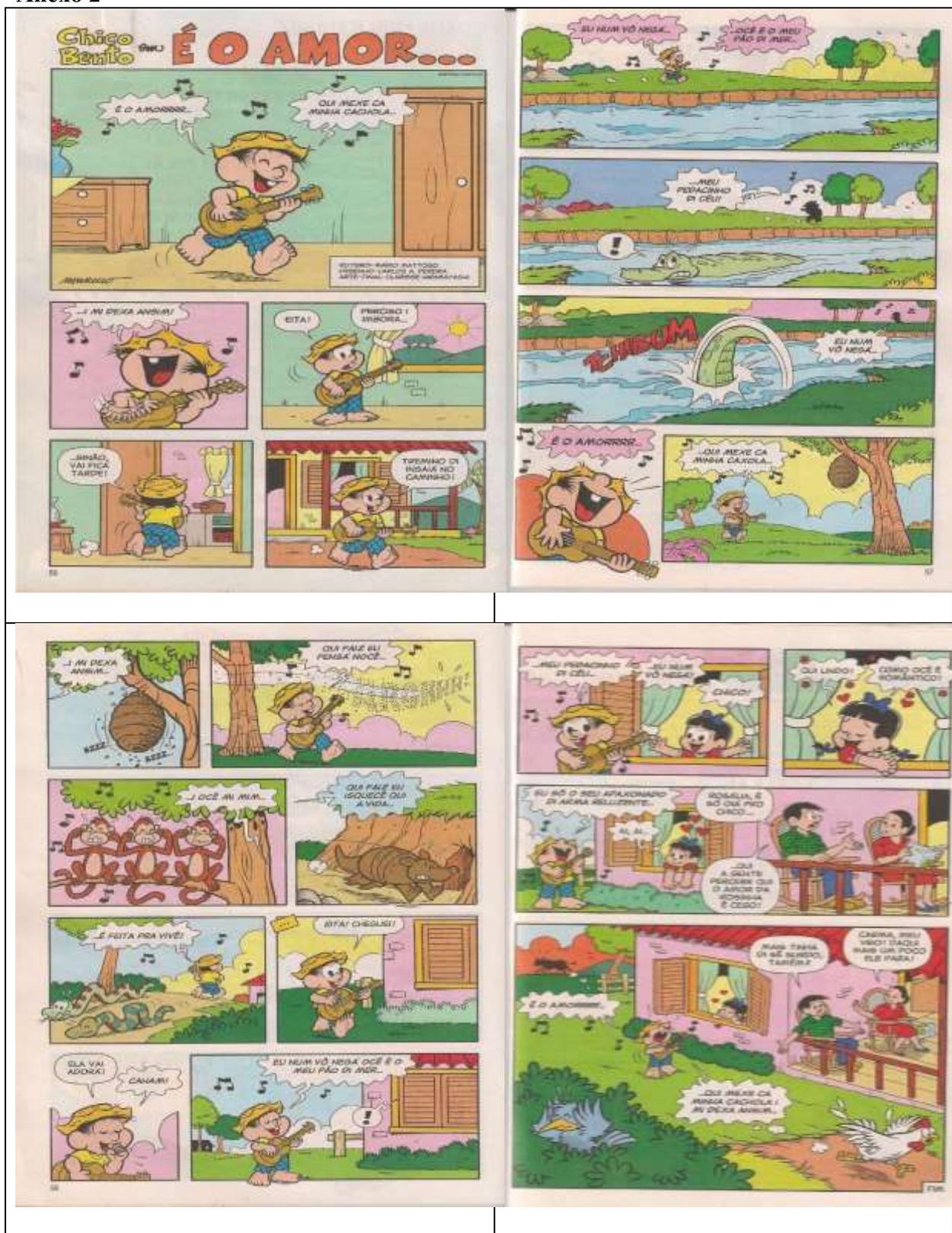


HQ pertencente ao exemplar da Turma da Mônica nº 18 (Editora Panini, 2016)



HQ pertencente ao exemplar Monica and friends issue 18 (Editora Panini, 2016)

Anexo 2



HQ pertencente ao exemplar do Chico Bento nº 18 (Editora Panini, 2016)

Artigo submetido em 30/03/2017 e publicado em 30/09/2017